

“NÃO ESTOU AQUI PARA JULGAR”

Rosane prefere não saber quais foram os crimes cometidos pelos jovens que trabalham com ela

TEXTO | FLAVIA TRES e PATRÍCIA SPIER
FOTOS | BERNARDO ALENCASTRO e CARLOS HAMMES

O primeiro encontro com a delinquência, com a marginalidade, com crimes hediondos cometidos por jovens se deu há 11 anos. De lá pra cá, todos os dias, Rosane Fatturi vem aprendendo a conviver com a dura realidade de um lugar que abriga menores que, de alguma maneira, cometeram crimes e, por isso, precisam viver apartados do convívio social. Rosane é monitora da Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (Fase). Em bom português, é carcereira de jovens criminosos.

Abrir e fechar portas e grades, distribuir refeições e vigiar a rotina dos adolescentes foram as atividades a ela atribuídas na época em que passou no concurso para a instituição. Não era isso que Rosane imaginava para sua vida. No começo, pensou em desistir. Não se contentava em ser apenas olhos que vigiavam. Sentia-se inútil e precisava fazer algo para mudar o futuro desses jovens.

Nas suas tentativas de reabilitá-los, escrevia peças de teatro para que participassem. Contudo, era apenas uma simples atividade pedagógica. Ainda não encontrara o caminho certo. Afinal, o que Rosane tinha em mente era algo que pudesse ajudá-los a traçar um objetivo de vida, resgatar sua auto-estima e principalmente ensiná-los o valor do trabalho. Há 10 anos, o sonho deu lugar a uma ideia. E a ideia, a um projeto que se tornou modelo: a Oficina de Confecção de Produtos de Limpeza do Case PC, unidade da Fase localizada em frente ao Estádio Beira-Rio, que abriga jovens de cidades do interior.

O projeto começou por acaso, quando a monitora se deparou com uma Kombi, em Canoas, Região Metropolitana de Porto Alegre. Nela havia produtos de limpeza e o homem que a ajudaria a amadurecer a ideia. Assim, Rosane e o dono

dessa empresa conversaram e uniram os objetivos. O dele, independente químico, era prestar ajuda à sociedade. O dela: proporcionar uma atividade rentável aos internos, entre outros aspectos. Essa parceria prometia sucesso, mas não foi tão fácil assim. O empresário doou 400 litros de produtos-base para o início do trabalho. Empenhado, foi pessoalmente à Fase entregar o material e ensinar a ela e a alguns meninos o ofício. Ainda não era oficial. Para colocar a atividade em prática efetivamente, era necessária a aprovação do diretor da instituição. Não aconteceu.

Por cinco anos Rosane tentou convencer os diretores que passavam pela instituição a aceitar o projeto. Só em 2004 ela conseguiu o aval com o então administrador da casa. A monitora voltou a procurar a empresa que havia lhe ajudado anteriormente e, mais uma vez, foi apoiada pelo empresário, com mais 400 litros de produtos-base.

Os jovens de 14 a 17 anos têm no cronograma cinco refeições por dia, uma hora de pátio para lazer, atendimento psicológico, psiquiátrico, pedagógico, odontológico, e três visitas por semana. Dos 50 meninos que vivenciam essa rotina, seis escolhidos a cada semestre participam de mais uma função. Essa turma se encontra três vezes por semana para produzir 100 litros de variados produtos de limpeza. Os meninos são escolhidos por meio de uma triagem, que leva em conta bom comportamento e tempo de internação. Os produtos são comercializados pela própria Rosane, com ajuda dos adolescentes em regime semi-aberto, que têm permissão para sair com ela. A Fase fornece uma Kombi, e eles percorrem todas as unidades da instituição para vender os produtos aos colegas que são os seus consumidores.



A Fase abriga jovens que cometeram crimes e precisam ficar apartados do convívio social

O dinheiro arrecadado é dividido entre os jovens da oficina, de acordo com o volume das vendas. Ela garante que eles utilizam o dinheiro para adquirir utensílios de higiene pessoal e roupas, comprados por um funcionário da Fase. Além disso, alguns enviam o dinheiro para os pais, que muitas vezes não têm condições de pagar passagem para visitá-los. O uso do dinheiro obedece algumas regras. Não é permitida a compra de qualquer droga, armas ou o que possa causar desconforto aos demais.

Por um tempo, a oficina se tornou autossustentável, pois, com a primeira doação de materiais que recebeu, conseguiu adquirir capital de giro. Hoje, a Fase ajuda com parte do material, investindo R\$ 500,00 por mês. O lucro de cerca de R\$ 700 é rateado entre os meninos.

O outro lado da Fase

Rosane conta que a unidade onde trabalha na Fase não tem somente realizações. A monitora já foi vítima de um motim, no qual os jovens quebraram tudo, inclusive as camas em que dormiam. Rosane ficou no meio da confusão durante todo o tempo em que durou o tumulto, até que um dos colegas veio resgatá-la. Ela diz que ficou lá porque os meninos que recém haviam chegado à casa estavam apavorados. Afinal, quando acontecem motins, muitos correm risco e ficam expostos a todos os tipos de violência por internos mais antigos. A situação só foi controlada depois que a Tropa de Choque da Brigada Militar invadiu o local.

Em outra ocasião, durante uma tentativa de fuga, sofreu ameaça com um caco de vidro apontado para o pescoço. Era um menino que participava da oficina. Rosane conta que o jovem pediu para ir ao banheiro e, ao retornar, a atacou exigindo que ela o deixasse sair. Segundo a monitora, o garoto a ameaçava e, no mesmo instante, se desculpava por estar fazendo aquilo. Contudo, o adolescente não conseguiu fugir.

O motim mudou toda a rotina da casa. Antes, os jovens dormiam em camas, tinham objetos dentro das celas e até churrascos eram feitos, quando podiam comer com garfo e faca de aço inox. Agora, dormem apenas em colchões no chão e se alimentam diariamente com talheres de plástico. "Era emocionante, nos churrascos, vê-los comendo civilizadamente. Uma coisa simples para nós, que é usar garfo e faca, nas mãos deles podem se tornar armas", lembra.

Se há tristeza na rotina de centenas de meninos, também há casos de superação. Rosane conta que um menino recém-chegado à unidade não tinha qualquer noção de higiene, era analfabeto, faltavam-lhe dentes. A partir da conquista de uma vaga na oficina, pediu ao monitor que comprasse, com a sua parte do lucro, desodorante, xampu e sabonete. Mais tarde, fez um pedido surpreendente à Fase: queria uma prótese dentária. "Foi um ganho enorme, ele voltou a ter autoestima e me agradeceu pela mudança", revela a monitora. Ela diz ter consciência de que é difícil recuperar a maioria dos jovens infratores. "O meu trabalho é só uma pequena parte do processo", minimiza Rosane, que mantém uma relação de respeito com os internos pelo trabalho que comanda na oficina.



BERNARDO ALENCASTRO

Os internos participantes do projeto, idealizado por Rosane, produzem 100 litros de produtos de limpeza por semana



FOTOS CARLOS HAMMES



“Eu procuro não saber os crimes que cometeram. Isso pode prejudicar nossa relação. Inclusive, na minha oficina, não falamos em delito, em morte. Falamos de objetivos, de planos para o futuro. Mostro-me amiga e justa. Não estou aqui para julgar ninguém”, desabafa, contando que busca desenvolver um trabalho sem discriminação e igualitário.

“Mesmo depois de 11 anos ainda me choca ver os guris presos, atrás de grades. Pois são pessoas, são seres humanos,

mas, mais ainda, são jovens”, observa. A experiência nos corredores da Fase fez com que Rosane passasse a ver a vida de uma maneira bem diferente. Ela tem noção de que não deve julgar os jovens. Ela sabe que está no limiar entre a sociedade - que vive com os conceitos de moral - e um universo em que existem perdas, crimes, drogas, violência. Neste limiar, encontros e desencontros com esses meninos acontecem todos os dias. Rosane está fazendo o que pode.

IMPRESSÕES DE REPÓRTER

Por vezes é difícil harmonizar horários de faculdade com as tarefas extraclasse, como produzir a grande reportagem para esta disciplina, por exemplo. Mas quando conseguimos nos organizar, chegamos na melhor parte: entrevistar nossa fonte. Seja no lugar que for. No nosso caso, foi no meio do Mercado Público, em Porto Alegre. Nossa pauta, que foi sobre a história de uma monitora da Fundação de atendimento Sócio-Educativo de Porto Alegre, foi interessante, pois não podíamos identificá-la, seja no texto, seja nas fotos. Para tanto, precisávamos de certo cuidado

em relação à sua privacidade, o que até agora conseguimos. Tratar com casos delicados foi uma novidade para nós. A pauta em si tratou de uma realidade que não conhecíamos e isso foi de grande importância enquanto repórteres iniciantes. Porém, nossa visita prevista a Fase não foi autorizada, o que nos frustrou de um lado, mas também nos fez rever o texto, o foco dele. Outro ponto a nos desafiar foi a distância entre a dupla, pois toda a construção do texto foi praticamente feita por email, isso nos fez rever a metodologia de produção.